

TEMATIZANDO JOGOS E BRINCADEIRAS NO ÂMBITO DO PIBID: A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NUMA PERSPECTIVA CULTURAL

Sirlânia Souza Pereira
Keilane de Souza Pereira
Luís Gabriel Souza Oliveira
Glaurea Nádia Borges de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/CAPES

Resumo

O presente estudo trata-se de um relato de experiência da prática pedagógica dos bolsistas de iniciação a docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Educação Física do Campus XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O subprojeto desenvolvido pelo respectivo curso, denominado “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, fundamenta-se nos princípios do currículo cultural da Educação Física, proposto por Neira e Nunes (2008; 2009), a partir dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo Crítico. Uma prática pedagógica baseada nesse referencial implica em “desatualizar” o presente, aproximá-lo da luz e observá-lo a partir de outro ângulo, a fim de questionar as representações dominantes que configuram o currículo vigente. A partir do mapeamento, evidenciamos a temática “jogos e brincadeiras” como ponto de partida para nossas ações. Baleado, bets, amarelinha, bolinha de gude, pula corda e esconde-esconde foram algumas das atividades identificadas. Este trabalho tem como objetivo elucidar como se deu a prática pedagógica dos bolsistas de iniciação à docência, procurando refletir acerca dos desafios e das possibilidades que a permearam. Conclui-se que, mesmo nos deparando com várias dificuldades, a experiência no âmbito do PIBID nos proporcionou uma série de conhecimentos importantes para o nosso futuro exercício profissional, além de nos permitir colocar em xeque o lugar que a Educação Física vinha ocupando na escola, as suas concepções curriculares dominantes e as representações hegemônicas sobre as manifestações da cultura corporal.

Palavras-Chave: PIBID. Educação Física Escolar. Jogos e Brincadeiras.

Introdução

O subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvido pelo curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia(UNEB)/Campus XII, denominado “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, teve suas ações iniciadas no segundo semestre de 2012. Esse subprojeto fundamenta-se nos princípios do currículo cultural da Educação Física, proposto por Neira e Nunes (2008; 2009), a partir dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e do Multiculturalismo Crítico. Uma prática pedagógica

baseada nesse referencial implica em “desatualizar” o presente, aproximá-lo da luz e observá-lo a partir de outro ângulo, a fim de questionar as representações dominantes que configuram o currículo vigente. Nesse currículo, a experiência escolar é um espaço para debater, promover um encontro de culturas, por meio da confluência das diversas manifestações corporais, além de ser um campo de disseminação de conhecimento e produção de identidades.

O currículo cultural da Educação Física procura partir da realidade da comunidade escolar, pois é nesse espaço que se dá o encontro de diferentes manifestações culturais. Dentre essa variedade de expressões culturais que permeia a escola, encontram-se os jogos e as brincadeiras, que consistiram no tema problematizado durante o primeiro semestre do ano letivo de 2013, em duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Guanambi/BA, onde o subprojeto se concretizava.

Este trabalho tem como objetivo elucidar como se deu a prática pedagógica dos bolsistas de iniciação à docência nesse contexto, procurando refletir acerca dos desafios e das possibilidades que permearam tal prática.

Metodologia

Para darmos início à nossa prática pedagógica, observamos algumas aulas com o intuito de conhecer um pouco da dinâmica do dia-a-dia das aulas de Educação Física de duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Guanambi/BA.

Posteriormente, realizamos um mapeamento, por meio de uma roda de conversa mediada por alguns questionamentos, a fim de identificar quais eram as práticas corporais que faziam parte do universo cultural dos alunos. Nas duas turmas, obtivemos como resultado a temática “jogos e brincadeiras”. Baleado, bets, amarelinha, bolinha de gude, pula corda e esconde-esconde foram algumas das atividades identificadas.

Na sequência, vivenciamos e problematizamos tais práticas, lançando luzes sobre questões de gênero, etnia, mídia e classe social.

Por fim, realizamos uma gincana, na qual retomamos algumas das discussões anteriores, e vivenciamos outras manifestações, além das que foram levantadas no mapeamento, a fim de ampliar as experiências vivenciais dos alunos.

O Currículo Cultural da Educação Física

Ao longo de sua história, a Educação Física Escolar vem passando por diversas transformações, na tentativa de se legitimar enquanto componente curricular. É nessa tentativa de legitimação – na maioria das vezes, marcada por propostas que divergem quanto à definição do papel da Educação Física na escola e do projeto de formação que o subjaz – que se constitui o currículo cultural da Educação Física, proposto por Neira e Nunes (2008; 2009).

O currículo cultural da Educação Física tem como base teórica os Estudos Culturais e o Multiculturalismo Crítico. “Os Estudos Culturais surgem dos esforços de alguns intelectuais oriundos das classes populares britânicas para criticar a distorção empreendida pelos membros da denominada alta cultura com relação à cultura popular e à cultura de massas” (NEIRA; NUNES, 2011, p. 673). O Multiculturalismo Crítico, por sua vez, “pode ser entendido como um movimento educacional de reivindicação dos grupos culturais subordinados contra o currículo monocultural” (ESCUDERO; NEIRA, 2011, p. 288).

De acordo com Neira (2011), um currículo cultural procura, desde o planejamento, seguir procedimentos democráticos para decidir quais temas serão problematizados, buscando uma valorização da reflexão crítica sobre as práticas da cultura corporal que fazem parte do universo vivencial dos educandos, a fim de aprofundá-las e ampliá-las através de um diálogo com outras manifestações corporais.

Por fim, pode-se afirmar que o currículo cultural da Educação Física entende que os alunos estão posicionados dentro de uma teia de significações socioculturais e essas significações devem ser reconhecidas, problematizadas e tematizadas no âmbito escolar.

Jogos e Brincadeiras numa Perspectiva Cultural

Os discursos hegemônicos são, muitas vezes, reproduzidos e disseminados pela instituição escolar e, com isso, o currículo vigente prioriza algumas representações culturais em detrimento de outras, fazendo com que os grupos excluídos socialmente não tenham voz nesse currículo. “Os diferentes tentam afirmar suas identidades, porém, deparam-se com os discursos provindos de setores privilegiados que lhes conferem estigmas e estereótipos pejorativos” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 19).

Os jogos e as brincadeiras são manifestações culturais corporais que se fazem presentes na nossa realidade, portanto, independentemente de como e por quem são expressos socioculturalmente, devem ser problematizados no contexto escolar. Pois, na perspectiva cultural, não há “[...] o certo e o errado, o adequado e o inadequado à escola”

(NEIRA; NUNES, 2008, p. 233), ou seja, todos os gestos são produzidos culturalmente, logo, são dotados de significados e, com isso, a comunidade escolar não deve subjugar-los, pelo contrário, deve “[...] proporcionar o estudo, a aproximação e a valorização de diversas formas de produção e expressão cultural” (NEIRA; NUNES, 2008, p. 233).

Essas manifestações culturais são passadas de geração em geração, geralmente de forma oral e, com isso, vão se resignificando e perdendo algumas características. Pode-se afirmar que os elementos da cultura corporal são produzidos em um determinado contexto sócio-histórico-político, com determinadas intenções, sentidos e significados, que, com o passar do tempo, sofrem diversas transformações, e isso acontece em virtude das relações que são estabelecidas com a macroestrutura social (NEIRA; NUNES, 2009). Logo, ao tematizar, qualquer elemento da cultura corporal, faz-se necessário historicizá-los e contextualizá-los.

Os resultados da prática pedagógica

Para iniciarmos as nossas atividades, observamos como se davam as aulas de Educação Física e procuramos nos aproximar dos alunos. A partir dessa observação, pudemos perceber que naquelas turmas a diversidade cultural era grande e isso era expresso na forma de brincar, de falar e na forma de se organizarem em grupos.

Posteriormente, realizamos um mapeamento, uma ferramenta que Escudero e Neira (2011) definem como uma coleta de informações relativas à cultura dos alunos, ocasião em que o professor adentra a realidade dos discentes para identificar o repertório acessado por eles. O mapeamento evidenciou a temática “jogos e brincadeiras”, que consistiu no ponto de partida do nosso trabalho pedagógico. Baleado, bets, amarelinha, bolinha de gude, pula corda e esconde-esconde foram algumas das atividades identificadas.

Tentávamos vivenciar e problematizar cerca de duas manifestações por aula e elas eram escolhidas de acordo com as suas semelhanças, proximidades e possibilidades de relação. Para exemplificar, as brincadeiras *cuscuzinho* e *garrafão* foram tematizadas na mesma aula, por apresentarem aspectos comuns. Ambas tinham como característica bater no colega, mas, para que isso não acontecesse, procuramos refletir com os alunos sobre o sentido dessa atitude nas brincadeiras e, posteriormente, resignificá-las. Entendendo que “ressignificar implica em atribuir novos significados a um artefato produzido em outro contexto com base na própria experiência cultural” (NEIRA, 2011, p. 129), solicitamos que os alunos sugerissem algo diferente para substituir o ato de bater nessas brincadeiras e, com isso, ficou estabelecido que se “pagaria um mico” ao invés de bater.

Geralmente, as aulas eram divididas em três momentos. No primeiro momento, os jogos e as brincadeiras eram problematizados, sempre lançando luzes sobre as questões de gênero, etnia, mídia e classe social. E na maioria das vezes eram os alunos que relatavam como se davam determinados jogos/brincadeiras.

No segundo momento, vivenciávamos os jogos e/ou as brincadeiras e, durante essas vivências, era um tanto quanto comum aparecerem algumas situações conflituosas, relacionadas, sobretudo, às representações que os alunos tinham uns dos outros e às atitudes preconceituosas que advinham dessas representações. Numa das aulas, por exemplo, ouvimos um colega chamar o outro de “*fundo de panela de carvão*”, pelo fato de o colega ser negro. Ouvimos também um aluno se dirigir a outro com a expressão “*loirinha gostosa*”, porque o colega tinha o cabelo comprido. Além do mais, não foram poucas as vezes que vimos meninos e meninas se recusando a segurar um na mão do outro. Diante de tais situações, parávamos a atividade e fazíamos uma roda de conversa para discutir essas questões.

O terceiro momento da nossa aula, por fim, era de reflexão, e nele procurávamos saber quais haviam sido as impressões dos alunos sobre as atividades vivenciadas, sobre os elementos discutidos e sobre as relações ali estabelecidas.

Vale ressaltar que, na tentativa de ampliar o que os alunos já sabiam, também propusemos outras formas de jogar/brincar algumas das práticas corporais mencionadas por eles.

No decorrer da nossa prática pedagógica, procuramos seguir os pressupostos da nossa base teórica, colocando o aluno e a sua realidade como ponto de partida. É comum notarmos, no contexto da Educação Física, a prática de jogos/brincadeiras descontextualizadas, que não estabelecem relação alguma com a realidade do aluno, assim como a desconsideração das representações vinculadas a essas manifestações. Nessa perspectiva, o enfrentamento e a consequente superação desses dois aspectos consistem no principal resultado alcançado pela experiência aqui relatada, ao menos no que se refere às intenções estabelecidas.

Conclusão

Ao refletirmos acerca dos desafios e das possibilidades que permearam o trabalho pedagógico aqui descrito, concluímos que, mesmo nos deparando com várias dificuldades, a experiência no âmbito do PIBID nos proporcionou uma série de conhecimentos

importantes para o nosso futuro exercício profissional, além de nos permitir colocar em xeque o lugar que a Educação Física vinha ocupando na escola, as suas concepções curriculares dominantes e as representações hegemônicas sobre as práticas da cultura corporal.

Ficou evidente que o “ser professor” é um processo inacabado, que se constrói a cada aula, pois a o fazer pedagógico é marcado de desafios que muitas vezes surpreendem o docente, por mais experiente que ele seja. Além disso, o processo de ação-reflexão-ação acerca da prática pedagógica deve se dar continuamente, uma vez que a partir dele tal prática pode ser avaliada e reconstruída.

No que se refere à temática problematizada, entendemos que os jogos e as brincadeiras, assim como qualquer outra prática corporal, são manifestações que devem ser consideradas, tratadas, aprofundadas, ampliadas e ressignificadas pela Educação Física, a partir do diálogo com os significados que elas expressam e com o sentido que elas adquirem na experiência dos alunos.

Referências

ESCUADERO, N. T. G. e NEIRA, M.G. **Avaliação da aprendizagem em Educação Física: uma escrita autopoietica**. Est. Aval. Educ., São Paulo. 2011.

NEIRA, M.G.; NUNES, M. L. F. **Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis. 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. 2ª. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. – (Coleção A reflexão e a prática no ensino; v.8).

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores**. 2011. 331 f. Tese de Livre-docência – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.